

Mandchúria: o bairro chinês de Campina Grande

UELBA ALEXANDRE DO NASCIMENTO¹

No final do século XIX para início do século XX, o Brasil passava por mudanças nas suas principais cidades, São Paulo e Rio de Janeiro, e essas mudanças se caracterizavam por pretender tornar as cidades mais belas, higiênicas e modernas, inspiradas nas reformas de Paris empreendidas pelo Barão de Haussman.²

As mudanças que transformaram as cidades vieram acompanhadas também de mudanças nos hábitos, nas relações sociais e culturais das pessoas. Campina Grande, entre os anos 1930 e 1950 também passa por mudanças, com suas especificidades de cidade do interior do Nordeste, e elas, entre outras coisas, visavam modificar o aspecto do centro da cidade, onde existiam várias ruas labirínticas, becos e esgotos a céu aberto, o que não correspondia, para as elites campinenses, aos foros de civilização e progresso que Campina deveria ostentar.³

As elites e os letrados de Campina vinham, desde o final do século XIX, reivindicando as autoridades o saneamento da cidade, para dar um melhor aspecto ao centro comercial, no intuito de atrair mais gente, tornando a cidade mais agradável aos olhos das pessoas, atrair mais negócios e movimentar mais a cidade, tornando-a “moderna”.⁴

¹ Uelba Alexandre do Nascimento é mestre em Ciências Sociais, doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco, cujo projeto de doutorado é financiado pela CAPES.

² Sobre as reformas empreendidas no Brasil no final do séc. XIX ver SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 3ª.edição, 1989.

³ Para melhor compreender estas mudanças no centro da cidade de Campina Grande, ver SOUSA, Fábio Gutemberg R. B. de. *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande 1920-1945*. Doutorado em História. Campinas: UNICAMP, 2001, p. 27-49.

⁴ O cronista Cristino Pimentel, que viveu na cidade neste período, é um dos exemplos mais fortes do desejo que as elites tinha de “modernização” de Campina e quase todas as suas crônicas estão voltadas para reivindicar melhorias para a cidade. Sobre as crônicas de Cristino Pimentel ver SOUSA, Fábio Gutemberg R. B. de. “Cristino Pimentel: Cidade e Civilização em Crônicas”. IN: *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Cultural e Social*. João Pessoa: Idéia, 2003, p.133-184.

Desta forma, ao folhear as páginas do jornal *Brasil Novo* vamos encontrar a seguinte matéria de um articulista anônimo, vociferando contra as casinhas denominadas “caixas de fósforos”:

“Há, na Travessa da Luz, uns casebres que a gíria denominou de “caixas de fósforos”. O apelido não traduz o que eles são. Era necessário um cognome que significasse porcaria, nojo, repugnância, e tudo o quanto o dicionário possui com essa significação. De fato, são uns casebres de taipa, pendidos uns sobre os outros, inclinados para o solo, como pedindo um empurrão que lhes joguem por terra. (...) Mulheres sórdidas continuam morando lá, e por ser uma artéria movimentada, exibem aos transeuntes, a sua miséria e a sua porcaria. Quase todas meretrizes de baixo calão, de vestes porcas e imundas, repugnam, pelo exibicionismo de suas mazelas.”⁵ (grifo nosso)

Percebe-se que esta é uma matéria que denuncia não só a falta de higiene e estética de casebres que “enfeavam” a cidade, mas também as mulheres que se “exibem aos transeuntes”, mostrando suas “misérias e porcarias”.

A prostituição em Campina Grande tornou-se um problema para os letrados da cidade no final dos anos 1920 e início dos anos 1930. A área central da cidade, que era composta praticamente pela rua Grande, Venâncio Neiva e Emboca⁶, eram áreas de constantes denúncias dos nossos letrados, visto a cidade estar crescendo e, em certa medida, se “modernizando”, por isso mesmo não poderia existir em pleno centro da cidade algo tão “repugnante” como as “caixas de fósforos” e o “exibicionismo” de meretrizes “de baixo calão”. Para o articulista do *Brasil Novo*, “aquilo se tolera em subúrbio, não no centro de uma cidade como a nossa”⁷. Daí a necessidade de se transferir àquelas mulheres para um local mais afastado, onde suas “vestes porcas e imundas” não incomodassem a visão e o olfato de homens e mulheres que queriam respirar e sentir “ares modernos”.

⁵ “As Caixas de Fósforos” em *Brasil Novo*, nº 06, 14/12/1931, p. 06.

⁶ A rua Grande virou Maciel Pinheiro; a Venâncio Neiva era mais estreita e sinuosa, com inúmeros becos e casinhas populares, com algumas casas comerciais e de couro e um esgoto a céu aberto ficando popularmente conhecida como “beco do mijo ou da merda”; a rua do Emboca virou Peregrino de Carvalho, e era habitada por populares e pensões de meretrizes. Sobre estas ruas na década de 1920 ver a tese de SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. de, op. Cit., p. 27-28.

⁷ *Brasil Novo*, op. Cit., p. 06.

As denúncias não partiam apenas dos jornalistas da cidade, muitas vezes estavam presentes nos processos criminais que tivemos acesso, especialmente se a questão da moral e dos bons costumes estava em jogo. É o que lemos na defesa do réu Ignácio Ferreira da Silva⁸, policial, acusado de atirar no popular Domingos Cajá, choffer, porque este andava no carro com prostitutas descumprindo a lei baixada pelo tenente e delegado de polícia, José Maurício. Era, aliás, contra as “prostitutas de toda espécie” que “invadiam” a cidade em crescimento para também lucrar com ele que a verve do advogado Generino Maciel, em 28/04/1928, se dirigia e apontava como principal motivo do desastroso acontecimento. Vejamos:

“Campina Grande, urbe cosmopolita, de portas abertas a mais complexa imigração, começou, com a via férrea e outros melhoramentos, a receber alienígenas de toda parte. Veio-lhe dahi, incontestavelmente, o progresso que hoje ostenta; mas, também, dahi se lhe originou o quase esvanecer-se daquela moral media em que se apóia o respeito publico à sociedade, nesta compreendidos os lares com os entes que nos são mais caros e com seus sentimentos affectivos, ou a família no que a instituição tem de mais venerável.” (grifos nossos)

Para dar mais densidade à defesa de seu cliente, Generino Maciel evoca a história recente da cidade, com a chegada do trem de ferro em 1907 e com ele alguns melhoramentos, equipamentos modernos, que davam a impressão para as elites que a cidade “crescia e se modernizava”⁹, e inevitavelmente os “alienígenas”, comerciantes de outras cidades, estados e até países que aqui se estabeleceram; e é claro, junto com o “tão propalado progresso”, vieram muitas mulheres que, ao prazer ou desgosto de alguns, comercializavam seu próprio corpo, o que para muitos era o “reverso” deste

⁸ Apelação Criminal nº 101, réu Ignácio Ferreira da Silva, maço 24/11/1931 a 22/12/1931. Apesar de datado em 1931, o crime aconteceu no dia 09/12/1927, às 19:00 horas da noite, correndo o processo entre recursos da promotoria e advogados até a sentença final em 08/09/1932 dada pelo Egrégio Tribunal. Portanto, o processo ficou 5 anos em tramitação na justiça. Mais detalhes sobre o crime e o processo no terceiro capítulo desta dissertação.

⁹ Segundo Gervácio Batista Aranha, não se pode pensar a experiência urbana no Nordeste tendo como base a idéia de vida moderna a que certas capitais européias pensavam em fins do século XIX, mas pensá-la com base no impacto provocado por estes símbolos do moderno, tais como o telégrafo, telefone, trem de ferro, água encanada e/ou esgotos, luz elétrica pública ou privada, parques, praças, etc. ARANHA, Gervácio Batista. “Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925).” IN: *A Paraíba no Império e na Republica*. João Pessoa: Idéia, 2003, p. 79-132.

progresso que fazia “esvanecer-se” a “moral média em que se apóia o respeito público da sociedade”:

“Assim é que mulheres livres, de vida airada, vindas em multidão dos quadrantes nacionais, e até algumas do estrangeiro, aqui fixaram tenda de seu torpe comércio e abominável tráfico. E foram ellas, ao pouco e pouco, cumpliciadas com certos indivíduos menos desejáveis, pervertendo os costumes regionais, malbaratando a ethica do meio e pondo em cheque as consuetudes dos nossos velhos hábitos de gente honesta e pudica.” (grifos nossos)

Interessante perceber nestas linhas o discurso de certo “patriarcalismo” muito forte ainda na década de 1920 em que os “velhos hábitos de gente honesta e pudica” são mesclados com o discurso do “progresso e da civilização” marcadamente burguês de uma gente que mora numa “urbe cosmopolita”¹⁰. E aí ele continua:

“Hetairas, marafonas ou quixeladas, no exercício pecaminoso de sua detestável profissão, deram para mostrar-se às escancaras, creando-se portanto situações, não raro, de verdadeiro veixame às pessoas medianamente possuidoras do senso de honestidade familiar: situações terríveis verificadas em nossos cinemas, em nossos passeios, em toda parte! Não satisfeitas ainda, aquellas transviadas de comum acordo com alguns typos inescrupulosos, inclusive certos cinesiphoros audaciosos, inventaram os famigerados banhos no Açude de Bodocongó, aonde de automóvel se dirigiam – primeiramente, a horas mortas da noite; em seguida, logo após o tombar do sol; e, por último, até em plena luz meridiana!!” (grifos nossos)

Pelo que vimos as “hetairas” cresceram também de número no final da década de 1920, a ponto de incomodar e distorcer os valores da sociedade campinense, causando “vexaime às pessoas medianamente possuidoras do senso de honestidade” e situações embaraçosas nos cinemas e passeios públicos. Além disso, as “marafonas” ousaram ainda em criar os famosos “banhos” no Açude de Bodocongó, que na verdade

¹⁰ Sobre o processo de aburguesamento da família campinense e a modernização e moralização dos costumes ver o trabalho de CAVALCANTI, Silede Leila Oliveira. *Mulheres Modernas, Mulheres Tuteladas: o Discurso Jurídico e a Moralização dos Costumes – Campina Grande (1930-1950)*. Dissertação de Mestrado, UFPE, Março de 2000.

se traduziam, muitas vezes, em “encontros amorosos” em suas margens ou apenas em banhos divertidos, regados a cachaça, gargalhadas e quem sabe, sexo.

2. Um divertimento (quase) proibido: os “banhos” em Bodocongó

Podemos perceber que não era apenas nas áreas centrais que as prostitutas se concentravam, pois eram também atraídas para locais mais afastados como o bairro de Bodocongó, que desde o final dos anos 1920 vinha crescendo e se tornando uma área de indústrias e curtumes, além de ser a principal via de acesso para o sertão através da rua Arrojado Lisboa, conhecida por rua da Rodagem ou do Sertão¹¹.

Por isso mesmo, atraía operários e prostitutas, assim como donos de pensões, cafés, mercearias, quitandas, bodegas e cabarés. Mas os famigerados “banhos”, que não eram apenas uma prática das mulheres “de vida airada”, eram a causa constante das reclamações da população mais pudica e a causa das preocupações da justiça e das autoridades policiais, que recebiam constantes “chamadas” nos jornais da cidade para tentar resolver o problema, como esta da coluna “Queixas e Reclamações” de um articulista do jornal *O Século*:

“Pessoas residentes nas proximidades de Bodocongó trouxeram-nos uma justa reclamação a respeito dos banhos públicos no açude daquele adiantado subúrbio.

Há muitas casas nas imediações do açude, além da Fábrica e da estrada que passa sobre a sua barragem, muitíssimo transitada, como sabem, por pedestres e automóveis.

Pois, grande número de despuorados senhores, banham-se nas margens mais próximas, à vista de quem quer que passe pela estrada, em roupas de Adão, e com uma semcerimonia de meter raiva nos moradores daquellas circunvizinhanças, conforme nos assegurou um dos reclamantes, aliás pessoa idônea.

Com vista à polícia para proibir terminantemente o abuso e ao Estado para mandar construir banheiros apropriados.”¹² (grifos nossos)

¹¹ Sobre o bairro de Bodocongó ver SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. de., op. Cit., p. 226-234

¹² “Queixas e Reclamações”, *O Século*, sábado 03/11/1928.

Tomar banho em Bodocongó era uma diversão¹³ para seus moradores e também para pessoas que saíam de outras áreas da cidade em busca de refrescar o corpo naquelas águas ou mesmo para, no caso de algumas “marafonas”, conseguirem um “dinheirinho extra”. Sete anos depois desta reclamação do articulista de *O Século*, os banhos ainda continuavam e foram eles que motivaram o desentendimento entre Severina Luíza de Araújo¹⁴, 19 anos, casada, meretriz, natural de Itabaiana e residente na Pensão Moderna de Josefa Tributino e Noêmia Mota, de 28 anos, natural de Quixadá (Ceará), também pensionista de Josefa. Atraída por este “dinheiro extra”, Noêmia vai na manhã de domingo, 20/01/1935, a Bodocongó tomar banho. Mas a novata da Pensão, que havia desembarcado em Campina há quatro meses, esqueceu ou não quis convidar para a diversão Severina e suas amigas Adalgisa e Anita.

Mesmo com pouco tempo na cidade, Noêmia sabia dos famosos banhos no açude e os “possíveis lucros” que eles poderiam lhe proporcionar. Por isso, Noêmia foi divertir-se sozinha. Ao chegar na Pensão, Severina interpela Noêmia e ambas discutem por causa do banho que, afinal, era também um momento para relaxar, se divertir e ver outras pessoas. A noite, por volta das 22:00 horas, o salão da Pensão Moderna estava cheio e tinha muitos clientes, pois domingo também era dia de muito movimento na pensão. Severina e as colegas Adalgisa e Anita começam a rir e cochichar olhando para Noêmia, que já estava aborrecida pela discussão que teve pela manhã com Severina. Neste momento, Severina começa a pilheriar Noêmia, e esta “*sentindo-se ofendida moralmente, repeliu Severina jogando-lhe um copo de vidro (...) ferindo-a na frente*”.¹⁵ O desentendimento entre Severina e Noêmia acabou na justiça e esta foi condenada a passar três meses e quinze dias no xadrez da capital, além de pagar 100 mil reis pelas custas do processo.¹⁶

¹³ Entendemos “diversão” como atividades organizadas espontaneamente pelo povo, diferente de “lazer”, que seriam atividades programadas para este fim, como por exemplo, a festa do Natal, Ano Bom e a festa da Padroeira organizada no largo da Matriz pelas elites e autoridades governamentais e eclesiásticas. Sobre os conceitos de diversão e lazer ver SOUZA, Antonio Clarindo B. de. *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Doutorado em História. Recife: UFPE, 2002, p. 24-25.

¹⁴ Processo crime s/nº, ré Noêmia Mota, maço: 13/01/1935 a 06/07/1935.

¹⁵ Idem, p. 07 do Inquérito Policial.

¹⁶ O advogado de Noêmia Mota, Dr. Severino Barbosa Leite pede o sursis da ré por ela ser criminosa primária, sendo concedido pelo juiz em 14/06/1935.

Com isso podemos perceber que os banhos no açude atraíam não só as pessoas que moravam nas proximidades, mas também pessoas de outros locais da cidade, inclusive prostitutas. Era uma diversão semelhante a “ir a praia”, pois muita gente afluía para as bandas de Bodocongó, especialmente nos fins de semana, para mergulhar seus corpos naquelas águas.

No mesmo ano de 1935 encontramos em um artigo intitulado *Casas de Lenocínio*, no jornal A Batalha, além da denúncia de abertura de novas casas de prostituição na cidade o articulista chama atenção das autoridades policiais para os “banhos públicos” : “... *Mormente, às margens do Bodocongó e do Açude Velho, onde as criaturas despem-se dos últimos resquícios da moral e apresentam-se com os andrajos miseráveis de que são possuidores.*”¹⁷

Mas os “famigerados banhos” ainda continuaram como diversão popular por muito tempo, apesar das proibições e perseguições das autoridades policiais, ficando na memória das pessoas:

*“Quando me lembro de Campina Grande
Peço notícias e você mande
Tenho saudade de Campina Grande
Da lagoa dos canários e do Zé Pinheiro
Dos banhos do domingo no Bodocongó
De Zacarias Cotó, banho no Louzeiro
Lembrando a Borborema passo o dia inteiro
E vem o Açude Velho na imaginação
Não esqueço serenatas que fiz no Emboca
E as modinhas de Bioca com seu violão...”*¹⁸

Desta forma, percebe-se que os banhos tão falados no açude de Bodocongó atraíam muitas pessoas que, com o passar do tempo, “foram perdendo a vergonha” e “sem cerimônia” despiam-se para se refrescar nas águas salobras do açude à luz do dia e, também, à luz da lua... Como cantava Jackson do Pandeiro:

¹⁷ “Casas de Lenocínio”, jornal A Batalha, 14/03/1935, p. 3.

¹⁸ “Saudade de Campina Grande”, cantada por Marinês.

*“Eu fui feliz, lá no Bodocongó,
Com meu barquinho, de um remo só,
Quando era lua, com meu bem, remava à toa,
Ai, ai, ai, que vida boa,
Lá no meu Bodocongó.
Bodó, bodó, bodó, bodó, congó,
Meus canário verde, ai meus curió,
Bodó, bodó, bodó, bodó, congó,
Minha Campina Grande, eu vivo aqui tão só !”*¹⁹

3. O bairro chinês de Campina Grande: a Mandchúria

Durante todos os anos 1920 o local onde se concentrava o maior número de prostitutas e casas de pensão em Campina Grande era a antiga rua 4 de Outubro, atual Major Juvino do Ó, mais conhecida popular e sugestivamente como “Rói Couro”²⁰. Era uma das ruas centrais da cidade que ficava relativamente próxima as ruas mais freqüentadas pelas elites, como a rua Grande por exemplo. Essa proximidade incomodava, especialmente porque as mulheres circulavam e se exibiam muito próximas as “famílias de bem” e repugnavam os letrados, fazendo com que eles carregassem nas tintas e pedissem insistentemente para as autoridades a transferência do meretrício daquele local para um mais afastado.

Como os pedidos eram muitos e a solicitação de tomadas de providência por parte dos prefeitos da cidade eram constantes, as prostitutas foram transferidas nos primeiros anos da década de 1930 para a região dos Currais, onde funcionava a feira de gado da cidade. Este local era uma área ainda marcadamente rural e pouco habitada, formada por pequenas casinhas e sítios cobertos de mato. O núcleo central desta área ficava a pouco mais de 100 metros da Vila Nova da Rainha, antiga rua das Barrocas

¹⁹ “Bodocongó”, de Humberto Teixeira e Cícero Nunes, interpretada por Jackson do Pandeiro.

²⁰ O Major Juvino do Ó era um grande proprietário de terras da cidade que conseguiu esta patente com muitos contos de réis e bastante influência. Foi praticamente o construtor de toda a rua que leva seu nome e deve ter ficado inconformado com a alcunha que ela recebera dos populares. Mesmo mudando o nome da rua para 4 de Outubro, os populares continuavam a chamá-la de “rói couro”, mesmo depois da transferência da zona de meretrício para a região dos currais. Sobre as propriedades do Major Juvino do Ó ver DONATO, Eronides Câmara. *Identidade, Identidades: Um Estudo sobre os Trabalhadores do Serrotão – Campina Grande*. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural, UFPB, Campina Grande, 1995; sobre a rua que leva seu nome ver “Ruas de Campina: Jovino do Ó”, suplemento Tudo do jornal *Diário da Borborema*, 06/11/1983; e tese de SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. de, op. Cit., p. 22-23.

(local em que se deu a origem do sítio que mais tarde se transformou em Campina Grande) e uns 300 metros da Igreja Matriz.²¹

O local para onde se dirigiram as prostitutas e sua corte foi chamado de Mandchúria ou Bairro Chinês, numa provável associação com o episódio da invasão japonesa a região da Mandchúria na China por volta de 1931:

“A transferência dos cabarés para os currais foi simbolicamente associada àquela invasão, talvez porque assim compreendessem os moradores que naquelas proximidades viviam, quando da chegada, ou “invasão”, da área pelas prostitutas e seus séqüitos. Chegaram àquele lugar, que até então concentrava boiadas e negociantes, raparigas mal-vestidas, marafonas, gigolôs, boêmios, cafetinas e cáftens, como invasores a ocupar e dividir o lugar com matagais, boiadas, cavalos, burros, merda e muito mau cheiro.”²²

Foram transferidas, segundo José Américo de Almeida²³, mais de 600 putas que “sifilizavam” os sertões da Paraíba.

Com as reformas ocorridas no centro da cidade²⁴ a zona foi transferindo-se para as proximidades da feira central, entre as ruas Marcílio Dias, 12 de Outubro (atual Carlos Agra), Quebra Quilos e Manoel Pereira de Araújo (antiga 5 de Agosto), que comportava os melhores cabarés da cidade, ficando conhecida por “Rua Boa”²⁵. Segundo alguns memorialistas, a rua era “*um esplendoroso mercado de luxúrias, que sobrevivia graças a um tipo de comércio confiscado pelas leis divinas, mas legalizado pela liberdade inconsciente dos humanos.*”²⁶

Havia também a chamada rua da Pororoca, nas proximidades da Maternidade Elpídio de Almeida, que era conhecida e nomeada pelos seus frequentadores como “Boa

²¹ SOUSA, Fabio Gutemberg R, B. de, op. Cit. P. 209.

²² Idem, p. 208-209.

²³ ALMEIDA, José Américo. *A Paraíba e seus Problemas*, 3ª. Edição, Revista. João Pessoa, 1986, p. 460.

²⁴ Sobre as reformas que ocorreram no centro da cidade no final da década de 1930 ver SOUSA, Fabio Gutemberg R, B. de. “Imagens da cidade: letrados, políticas e memórias”, capítulo IV. Op. cit., p. 245-318.

²⁵ Veja no ANEXO 1 uma lista de alguns bares e cabarés que conseguimos identificar nos processos criminais que tivemos acesso, localizados especialmente na Manoel Pereira de Araújo.

²⁶ DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. Campina Grande: Eletrônicas, 1993, vol. 1, p. 551-552.

Boca”, onde se encontrava um dos mais conhecidos cabarés da cidade que era o de Maria Pororoca, eternizada na música de Jacson do Pandeiro juntamente com Josefa Tributino e Carminha Villar²⁷:

*Oh linda flor, linda morena,
Campina Grande minha Borborema
Eu me lembro de Maria Pororoca,
De Josepha Tributino e Carminha Villar
Bodocongó, Alto Branco, Zé Pinheiro
Aprendi tocar pandeiro nos forrós de lá...*

A zona permaneceu forte ali até o final da década de 1940, quando o comércio do algodão entrou em decadência e também pela retirada dos contingentes militares da cidade após o fim da II Guerra Mundial. Logo se transferiu novamente para o centro, para a região conhecida como Boninas, onde lá permaneceu por volta das décadas de 1950, 1960 e 1970, mas sem o mesmo encanto dos anos anteriores²⁸.

Por fim, foram surgindo no final da década de 1930 e início da década de 1940 outros locais de prostituição em Campina Grande nos bairros de José Pinheiro, Liberdade, local que era conhecido como “Deserto”²⁹ e Bodocongó, especialmente na Arrojado Lisboa e nas proximidades da conhecida “Volta do Zé Leal”, que segundo o memorialista Antonio Calixto, o local ficou conhecido como “Boca Quente”, por causa das constantes batidas policiais ocasionadas pelos conflitos que lá ocorriam.³⁰

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Regina Maria; PARKER, Richard (orgs). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

BURKE, Peter. “*Unidade e Variedade na História Cultural.*” In: **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

²⁷ “Forró em Campina”, de Jacson do Pandeiro.

²⁸ Sobre os divertimentos e locais de prazer na cidade entre 1940 e 1970, ver SOUZA, Antonio Clarindo B. de, op. Cit.

²⁹ Era chamado de “deserto” porque era um local mais afastado do início do povoamento do bairro, que cresceu em torno da fabrica de algodão da SAMBRA e por isso se caracterizou como um bairro operário. O “deserto”, segundo moradores mais antigos do bairro, localizava-se nas proximidades de onde hoje é o Colégio Pedro Serrão.

³⁰ Citado por SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. de, op. Cit., p. 226-234.

- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 5ª. Edição, vol.1, 2000.
- _____. **A Invenção do Cotidiano – Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, vol.2, 1996.
- DEL PRIORI, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FREITAS, Renan Springer de. **Bordel, Bordéis: Negociando Identidades**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MIRABETE, Julio Fabbrini. **Código Penal Interpretado**. São Paulo: Atlas, 1999.
- MURPHY, Emmett. **História dos Grandes Bordéis do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2ª. Edição, 1994.
- NASCIMENTO, Uelba Alexandre. **O Doce Veneno da Noite: Prostituição e Cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. Campina Grande: EDUFCEG, 2008.
- PERROT, Michele. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.
- PINTO, Celi Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- _____. **Do Cabaré ao Lar – A Utopia da Cidade Disciplinar (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- ROBERTS, Nickie. **As Prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.
- ROUSSIAUD, Jacques. **A Prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau (org). **Historia da Vida Privada no Brasil, vol. 3**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.